

**Conhecendo a prostituta e o turista em um quarto de hotel:
A representação social da prostituição na hotelaria de Juiz de Fora-MG¹**

Bárbara Nascimento Duarte²

Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF

Resumo

Este artigo busca desenvolver uma análise sobre a identidade das garotas de programa e o relacionamento com turistas que freqüentam os hotéis de luxo da cidade de Juiz de Fora, tentando trazer a luz como é o comportamento das prostitutas dessa cidade, o enredo que as conecta com hotéis e turistas, analisando seus discursos, seus desejos, seus limites, e sua identidade como um importante ator social. Também avaliar quais os juízos de valor que são lançados sobre esse sujeito, quais as racionalizações feitas por ele a fim de proteger sua identidade, para tanto, buscando conhecer suas categorias de pensamento. E por fim, tentar conceber o fato de que, ainda que não declaradamente, as prostitutas fazem parte do sistema de turismo da Cidade de Juiz de Fora, através do seu contato com os hóspedes, comprovando os dizeres de Mauss no qual o turismo é concebido como um fenômeno social total.

Palavras-chave

Prostitutas; Turistas; Hotéis; Identidade; Estigma

Introdução

Este artigo busca desenvolver uma análise sobre a identidade das garotas de programa e o relacionamento com turistas que freqüentam os hotéis da cidade de Juiz de Fora, uma cidade pólo da Zona da Mata Mineira, centro de referência e em localização privilegiada, entre três capitais: Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte. Essa mesma localização é viabilizadora de um intenso contato entre os maiores consumidores do mercado brasileiro, e com infra-estrutura que permite os mais modernos empreendimentos. Com uma população de aproximadamente meio milhão de habitantes, Juiz de Fora ocupa hoje lugar de destaque em Minas pela qualidade de vida e investimentos.

A rede hoteleira em Juiz de Fora é de movimento constante durante o percorrer do ano, porém, em épocas específicas ela se intensifica, movimentando a economia do

¹ Trabalho apresentado ao GT “Turismo, Antropologia e Inovação” do IV Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL – Caxias do Sul, 7 e 8 de julho de 2006.

² Graduada em Turismo na Universidade Federal de Juiz de Fora /2007, professora de Turismo e especializando-se na área de Aspectos Metodológicos e Conceituais da Pesquisa Científica, na mesma Instituição.

município, recebendo principalmente turistas motivados a fazer negócios já que sedia várias grandes empresas multinacionais como a Belgo Mineira, Mercedes-Benz do Brasil e Beckton-Dickson, além de possuir 30 hotéis cadastrados segundo o Sindicato de Hotéis, Restaurantes, Bares e Similares de Juiz de Fora.

Busco aqui, trazer a luz como é o comportamento das garotas de programa da cidade, o enredo que as conecta com hotéis e turistas, submetendo o comportamento inconsciente ao consciente através de um olhar antropológico da análise dos pensamentos (VIVEIROS DE CASTRO, 2002). Do mesmo modo, compreender seus discursos, seus desejos, seus limites, sua identidade como um importante ator social, buscando conhecer suas categorias de pensamento, já que ainda que não declaradamente fazem parte do sistema de turismo da Cidade de Juiz de Fora, através do seu contato com os hóspedes, confirmando o turismo como um fenômeno social total.

1.1-Quais são os mundos possíveis e cabíveis em nosso pensamento?

O que sugiro é que iniciemos definindo conceitos e coloquemos “ordem no caos”, como diria Lévi- Strauss. Assim sendo, conheceremos o significado efetivo do que se denomina “garotas de programa” e/ou “prostitutas”.

Essa alcunha ocorre devido a implicações de seu significado e é definida como troca de favores sexuais por interesses não sentimentais ou afetivos, consistindo comumente em uma relação de troca financeira por ato sexual, embora não seja uma regra, já que se pode trocar práticas sexuais por favorecimento profissional, bens materiais, informações. Mas ela se caracteriza, de qualquer modo, pela “venda” do corpo, podendo igualmente ser realizada através de imagens onde as partes íntimas masculinas ou femininas são deixadas à mostra.

Gaspar (1985) analisa as diferenças entre os níveis de prostituição, enfatizando o que chama de “alta prostituição”, “média prostituição” e “baixa prostituição”. A primeira é mais uma forma de ganhar a vida nos grandes centros urbanos e tendo acesso a elas somente clientes com alto poder aquisitivo. A segunda é aquela praticada em boates, casa de massagem, e não permite que as mulheres se exponham nas ruas como as de “baixa prostituição”, conferindo-lhes “mais segurança”. E por último, a “baixa prostituição”, é tida como aquela na qual as mulheres não possuem muitos critérios ao escolher os clientes, mulheres de qualquer idade podem se envolver, os locais freqüentados são em via de regra inseguros e, sobretudo, existe o excesso de promiscuidade em relação aos outros níveis. Note-se que a promiscuidade está aqui

relacionada, sobretudo, com o número de parceiros que uma mulher pode ter por dia que ultrapassa perceptivelmente os obtidos pelo segmento da alta prostituição.

Na cidade de Juiz de Fora há Casas Noturnas que se dedicam à prática principalmente do que denominamos “média prostituição”, e embora a Prefeitura Municipal trabalhe contra a prostituição de menores de dezoito anos, a de mulheres adultas não deixa de ser um ato incomum, fazendo das Casas Noturnas o local que se dá o primeiro contato de turistas e prostitutas. Diferente opção que os turistas e clientes encontram é passar por determinadas ruas afamadas como de prostituição na cidade, onde as mulheres podem ser rapidamente apanhadas pelos interessados e levadas para qualquer local, onde também encontrarão um grande número de travestis e homossexuais, que aqui não são sujeitos que desejamos conhecer.

A fim de penetrar e desvendar a identidade de uma prostituta, antes de qualquer consideração, faz-se necessário considerar que o conceito de identidade não possui um caráter fixo, e está em constante (des) construção, constituindo-se e alterando-se de acordo com os modos pelos quais as pessoas são representadas em seus sistemas culturais. A identidade social e pessoal é, além disso, parte dos interesses e definições de outras pessoas em relação a um sujeito em questão, e abarca o conceito de cultura - indispensável para se pensar as relações existentes em diferentes espaços sociais, que traz ordem à natureza - que garante “a existência do grupo como grupo, e substitui (...) a organização ao acaso” (LÉVI-STRAUSS, 1982.p.72). Tratarei ainda da identidade de gênero, pois é um elemento que dá sentido à prática da prostituição e conforme Louro (2003), ela traz uma identificação histórica e social dos sujeitos que se reconhecem como femininos e masculinos, relacionando diretamente a identidade sexual à maneira com que os indivíduos experimentam seus desejos corporais.

Me valerei de vários conceitos de Goffman, que ao longo do tempo desenvolveu estudos sobre identidade, representação social, estigma. Entre vários itens que levarei em consideração aqui, incluo o de “aparência”(GOFFMAN,1983), para me referir aos estímulos que nos revelam o status de um ator social, que é considerada como um ponto importante na prostituição, pois cria mecanismos de sobrevivência entre as mulheres que se dedicam a tal prática, consistindo em um fator determinante que “seleciona” os clientes que ela será capaz ou não de atender.

Me amparo também no conceito de “maneira” (GOFFMAN,1983), que são os estímulos que nos informam sobre a interação de um papel que o ator espera desempenhar em uma dada situação. Espera-se uma compatibilidade confirmadora entre

a “aparência” e a “maneira”. Portanto, busca-se uma confirmação da aparência da prostituta com suas maneiras, autorizando, dessa maneira, o papel que busca representar, mesmo não sendo esse o seu verdadeiro papel social. Digo aqui, que a medida que são capazes de representar, também a elas é dado o direito de se inserir em um contexto social ao qual possivelmente não pertencem, sendo necessário também levar seus espectadores a acreditar na mesma representação.

Contudo, nada citado anteriormente teria sentido nesse estudo se não incluíssemos o conceito de estigma (GOFFMAN, 1963), que é um meio estabelecido pela sociedade para categorizar os indivíduos e seus atributos que são considerados normais para os membros de cada categoria. Goffman complementa, dizendo que:

o estigma envolve não tanto um conjunto de indivíduos concretos que podem ser dividido em (...) ‘estigmatizados’ e ‘normais’, quanto um processo social de dois papéis no qual cada indivíduo participa de ambos(...).O normal e o estigmatizado não são pessoas e sim perspectivas que são geradas em situações sociais. (GOFFMAN, 1963.p 117)

Deixo claro que meu objeto de estudo é a visão das garotas de programa e seus pressupostos em relação ao mundo, suas idéias e seus problemas, não viso incluir os sujeitos e seus pensamentos em um padrão já pré-classificado pela sociedade. Afirmando então, como Viveiros de Castro (2002), que a experiência que proponho não é a da visão do antropólogo superior à do sujeito em estudo, mas a de ambos tendo direitos equivalentes, sendo relativos já que são relacionais.

A qualquer antropólogo – sabiamente diz Viveiros de Castro (2002) que somos todos antropólogos- é possível fazer uma análise de um outro sujeito de inúmeros modos e entre eles através de sua conduta e aparência, permitindo-lhe relacionar experiências anteriores com indivíduos parecidos, como o que está sendo avaliado por ele. Assim, incorre-se no risco de aplicar-lhe estereótipos não comprovados, já que agimos diante de outros com base em inferências, independente da quantidade de informações que possuamos a seu respeito.

Versiani dos Anjos Júnior (1980) ressalta a importância do uso do conceito de estigma para a análise do comportamento desviante das garotas de programa, porquanto avalia que o estigma projetado na prostituição aciona outras formas de discriminação e ainda que tenha apenas a conduta sexual como referência explícita, transfere sua projeção para outros papéis da vida da prostituta. Nesse sentido, tanto a construção do estigma em relação à prostituição, bem como os mecanismos de respostas sociais contra a discriminação e preconceitos, emanam da sucessão de fatos históricos nos quais prostitutas foram responsabilizadas pela disseminação de doenças adquiridas pelo ato

sexual e pela contaminação do matrimônio. E assim, as mulheres envolvidas na prática da prostituição foram responsabilizadas pela degradação física e moral dos homens, e atualmente fazem racionalizações para delimitar o processo de estigmatização de sua pessoa total.

Considerando que algumas profissões são estigmatizadas, decorrentes de reações sociais de preconceito, por conseguinte, deve-se sempre ser ponderado o contexto no qual a atividade e os papéis se encaixam devido as constantes mudanças de padrões sociais de moralidade e normalidade. Por isso, a força do estigma (entre outros fatores) coloca as garotas de programa numa posição desvalorizada na relação de matrimônio, na identificação dessas mulheres como pessoas poluídas, e com a possibilidade de ganhar mais do que trabalhando num emprego como empregada doméstica, atendente, atuando de forma a dificultar o abandono da atividade.

O conceito de “poluição” (DOUGLAS,1966) é usado como analogia para expressar uma visão geral da ordem social. Em si só a impureza é uma idéia relativa e que atua quando vem contradizer nossas classificações, e alega que o corpo humano é matéria de simbolismo e deste modo “como o corpo tem uma estrutura complexa, as funções e as relações entre as diferentes partes podem servir de símbolo a outras estruturas complexas”(p.138). Nesse sentido, tudo que é relacionado à prostituição é tido como sujeira, confusão e desordem, de acordo com um sistema classificatório que a sociedade tem como ideal e que só podem se tornar participantes dele aqueles que se adequem aos critérios estabelecidos, porém, ela segue dizendo que “as regras relativas à impureza esclarecem apenas um pequeno aspecto das condutas moralmente desaprovadas” (p.153).

Por presumir que só podemos descobrir as “reais” crenças, emoções e identidade dos sujeitos através de confissões ou de comportamentos expressivamente involuntários. ao longo da etnografia, considerarei principalmente essa comunicação verbal feita pelo sujeito, deixando de lado a representação mais teatral e de natureza não verbal.

2. Ser prostituta é...

Várias entrevistas foram realizadas com garotas de programa, algumas que trabalham em Boates, outras que trabalham somente em casa e a primeira que atende somente em hotéis de alto nível na cidade de Juiz de Fora, e que está conforme a classificação de Gaspar (1985) no padrão da “alta prostituição”.

O resultado das entrevistas foram informações que encerram representações sobre a sexualidade criadas pelas prostitutas narradoras, construções discursivas sobre o que consideram relevantes na prática do sexo, e suas narrativas refletem as representações que informam sobre a experiência da sexualidade na prostituição.

Ao dar início as entrevistas é significativo esclarecer que uma das razões para o impasse por parte das garotas em conversar sobre a atividade que exercem se deve à razão de que preferem não compartilhar seu papel de prostitutas com terceiros, além daqueles que não sejam seus clientes, para que possam além de evitar posteriores situações constrangedoras, não serem vistas com o estigma de prostitutas em seu “ser total” mas somente quando profissionais. Do mesmo modo, elas vêem aqueles que não estão envolvidos com a prostituição como separados de “seu mundo”. Sobre isso, endossa Gaspar (1985), “parecer haver limites na relação das garotas com as mulheres que não participam do mesmo código moral, as quais dificilmente são incorporadas pelo grupo”. É a representação social um instrumento para forjar uma identidade diante de outros grupos sociais, e afirma Silvia apud Flausino (2002) sobre os diferentes grupos sociais que se utilizam da representação “para forjar sua identidade e a identidade dos outros grupos sociais (...). Através da representação se travam batalhas decisivas de criação e imposição de significados particulares”. Mas com o passar do tempo, o perfil da mulher prostituta estigmatizado têm se transformado na cidade de Juiz de Fora. Hoje um número crescente de prostitutas é “gente comum” e estão mais próximas de nós do imaginamos. Pode ser aquela colega de trabalho ou da faculdade, aquela dócil vizinha ou aquela amiga bonitinha.

Logo, início com a primeira garota de programa com quem tive a oportunidade de conversar, cujo nome é Rebeca³, que tem trinta e três anos e se casou com quatorze, permaneceu com seu esposo por nove anos e desde a separação começou a fazer programa.

Segundo ela, desde nova sempre foi “tiete”, assim sendo, estava sempre na porta dos hotéis em busca de artistas famosos, quando a notaram questionaram se não teria o interesse de fazer programa. Afirma que como toda mulher tem o sonho de encontrar seu “príncipe encantado”, e a prostituição no início não foi fácil, até que começou a entender que precisava aceitar o que fazia para poder viver:

Um amigo meu me disse que ‘ou eu me aceitava ou ficava doente’. Porque se saía e ganhava dinheiro, chorava. Se não ganha, chorava. Minha vida era

³ A fim de preservar a identidade das mulheres envolvidas na pesquisa, dos hotéis, dos informantes, utilizo nomes que não são reais, e portanto, caso alguém se reconheça por esse nome deixo clara a mera coincidência.

chorar! (...) Toda mulher tem o sonho de casar, não é?! Sonho de Cinderela. E por que todas as outras mulheres podem ter um marido que te sustenta e você não?! (...) Mas hoje coloquei em minha mente que 'aquele momento' é 'aquele momento', e assim vivo mais sem me culpar. (Informação Verbal)

Como concluiu Gaspar (1985), várias mulheres realmente podem ser induzidas a se prostituir devidos a situações familiares ou financeiras difíceis, embora outras optem pela prostituição pelo fato de gostarem do tipo da atividade e poderem obter rendimentos muito superiores do que na antiga ocupação, além de terem condições para ascenderem socialmente. Segundo Piscitelli (FILHO, 2004) que desenvolve um estudo sobre a prostituição e o turismo sexual na cidade de Fortaleza “enquanto esses homens querem sexo, as mulheres buscam uma oportunidade na vida”, se referindo principalmente às mulheres que mantêm relações sexuais com turistas estrangeiros, na visão delas como “namoradas”, “guias de turismo”, e que se utilizam muitas vezes do conhecimento da língua inglesa para estar ao lado de tais turistas, mas que na visão deles (principalmente onde o turismo sexual é de grande destaque) essas mulheres são úteis somente para aventuras sexuais.

Rebeca, que trabalha também na cidade do Rio de Janeiro durante o verão, não se sente mais culpada por trabalhar como garota de programa, pois foi através desse trabalho que pôde conquistar muitos bens materiais, que segundo ela não teria conquistado caso não fosse garota de programa. Diz se sentir uma mulher privilegiada ao atender somente em hotéis caros da cidade, e poder se enquadrar no conceito de “alta prostituição”, logicamente não em seus termos. Como profissional do sexo, já atendeu senadores, viajou para outros países, atendeu a homens com muito dinheiro e recebeu inúmeras propostas de casamento. Ela se vê como uma mulher não somente bonita, mas muito agradável e “boa de papo”, porquanto, em sua opinião “para atender em hotéis e ser a indicada pelos mesmos, não basta ser linda, é necessário saber se portar em cada situação”.

Aqui, retomo ao conceito de “aparência” que coloca as garotas de programa em posição de vantagem no segmento de alta prostituição, pois é um dos critérios que os clientes utilizam na seleção das mulheres. É cabível essa analogia ao ouvir de Rebeca inúmeras propostas feitas por hóspedes para freqüentar ambientes e jantares elegantes, e freqüentar locais públicos em geral, e em sua experiência constatou que “há homens que desejam mulheres que não tenham a aparência de prostituta e outros que já querem uma mulher vulgar e eu sei ser isso tudo”. Ainda de acordo com sua fala o segredo para ser bem sucedida é “saber ser o que o cliente deseja que você seja na hora desejada”, em

outras palavras, relacionar as aparências desejadas às maneiras exigidas em cada situação.

Conversando sobre sua vida, ela diz ter uma filha de 14 anos que não têm conhecimento da atividade que exerce e que pensa que a mãe é simplesmente “bancada por uns coroas”, que em sua visão não é o mesmo que se prostituir. Também afirma que seus pais apóiam o trabalho que possui, e quando não se encontra na cidade, sua mãe é responsável por cuidar de suas finanças, demonstrando a importância da aceitação familiar independente da prostituição, justificando assim o receio das prostitutas de serem rotuladas como indignas de qualquer atividade extra-profissional que as impediria se relacionar com terceiros, assim como mulheres sem o estigma de prostituta o fazem.

Perceberemos aqui como o desejo de ascensão e manutenção social a influencia diretamente coibindo-a de largar a atividade. Aparentemente possui uma situação econômica estável (todavia inferior ao que obtém como prostituta), pois aluga três placas de táxi na cidade e recebe uma quantia pelo faturamento deles sendo possível faturar R\$1700 livres por mês com cada um. Em relação aos estudos, disse ter começado a cursar o ensino superior na área de Direito, porém, por viajar constantemente e por considerar que o curso exige muita dedicação, decidiu interrompê-lo. Mas, quando deixar a vida como garota de programa, pretende retornar ao estudo superior, porém estudando outra área.

Sobre sua vida pessoal, ela disse estar envolvida com seu namorado há oito anos. O conheceu em um táxi, quando namorava já por quatro anos o dono de uma das mais famosas casas de prostituição de Juiz de Fora. Em um momento de crise conjugal com ele, o atual namorado e ela se tornaram amigos e depois de um tempo começou a namorá-lo. Ela disse que ele sempre teve conhecimento que ela era garota de programa e que no início isso representou uma vantagem para ele, tendo em vista que:

Enquanto os outros pagam para me ter, ele tem de graça. E você sabe não é, e nós mulheres quando ganhamos bem temos uma mania de agradar os homens com presentinhos. Igual, ele foi morar comigo, eu pagava tudo. Ele não tinha gasto com nada. (Informação Verbal)

Concebe-se a condição comercial na qual ela enquadra o sexo, embora haja constantes ambigüidades em seus discursos, o sexo oferecido ao seu namorado no início aparenta ter sido um benefício concedido que não é oferecido aos seus clientes que precisam pagar e ele “tem de graça”. Ao perguntá-la sobre um possível envolvimento de seu namorado com alguma garota de programa, considerando que por ela ter

relacionamentos sexuais com outros homens abriria um precedente a ele, ela se mostrou exaltada, dizendo:

Eu mato ele! Se ele estivesse comigo eu não aceitava não. Se estivéssemos separados até que ia, mas seria triste também. Teve uma vez que ficamos um ano separado e ele até que namorou uma menina 'normalzinha', mas ele ficou com ela só para me fazer raiva mesmo. Também quase casei com outro e ele fez tudo para separar. Parecia uma novela.(...) depois que entra sentimento começa essa história de ciúmes, 'brigaiada'(...) (Informação verbal)

Ao dizer que seu namorado namorou uma mulher “normalzinha”, ela deixa clara uma relação conflituosa entre o que se entende por uma “mulher direita” versus “prostituta”. Uma relação na qual a primeira historicamente sempre teve que agir de modo “inocente” em relação ao sexo e ao prazer, enquanto a segunda deve possuir uma atitude mais desmoralizada diante destes. Além de haver também uma relação entre as mulheres para casar e mulheres para se divertir: a mulher para casar tinha as características da “mulher-flor”, a mulher para transar tinha as características da “mulher-fruto”. Refiro-me nesse momento às mulheres que no passado foram ensinadas a esconder que sentiam prazer, e as mulheres negras que deveriam dar prazer aos homens tanto na culinária quanto no sexo. De tal modo, esse se tornou um tipo de seleção realizada rotineiramente por homens ao ter contato com diferentes mulheres e por diferentes razões. Disso, de acordo com Heilborn, nas seguintes relações de gênero são prescritas,

condutas adequadas para homens e mulheres, e elas intervêm de maneira inequívoca nesse cenário(...)as categoria de classificação do feminino opõem as mulheres 'fáceis', que 'dão mole', as 'piranhazinhas', e as mulheres 'para casar'. Esse parâmetro ordena o modo como os homens se aproximam das figuras femininas. (HEILBORN apud FLAUSINO, 2002, p.10)

Examino a representação de seu papel dado ao posicionamento ambíguo no qual ela se coloca, antes de tudo, como vendedora de sexo e prazer, e num segundo momento como uma mulher “normalzinha” que deseja vivenciar as relações sentimentais de maneira tradicional num relacionamento que tem a fidelidade como um fator relevante e o sexo não está à venda, oscilando então entre o papel “ideal” e o “real”.

Durante o início de conversa, ao perguntar se ele era a única que trabalhava exclusivamente em hotéis da cidade de Juiz de Fora, ela disse que sim, e justificou dizendo que já havia ganhado a confiança dos donos dos hotéis, pois eles sabem que ela não criaria problemas de qualquer tipo, “... eles são muito meus amigos”, diz tentando explicitar uma relação de amizade e cumplicidade entre os donos e funcionários dos hotéis, justificando sua aceitação no ambiente e o motivo pelo qual é a principal escolha

deles quando necessitam de uma prostituta. Todavia, conversando com informantes dos hotéis freqüentados pelas prostitutas, não ficou claro de maneira alguma que as prostitutas são próximas dos donos dos hotéis, embora tenham total ciência do ocorre em seus respectivos estabelecimentos e autorizam essa prática.

Outra garota de programa que entrevistei se chama Paola. Suas fotos estão nos sites especializados em prostituição em Juiz de Fora. Ela não se demonstrou muito disposta a falar sobre sua atuação como garota de programa, portanto, conversamos por telefone, pois não queria fazê-lo pessoalmente, e ainda respondeu várias vezes de maneira ríspida. Disse, já prontamente, que não entraria em assuntos de sua vida pessoal. Portanto, muitas perguntas não tiveram respostas, pois ela considerava como de “ordem particular”. Ela me disse que a prostituição não é sua principal fonte de renda, que possui um trabalho “regular” como qualquer outra pessoa e que faz programas somente para aumentar sua renda e que o programa é feito esporadicamente. Afirma levar uma vida como qualquer outra mulher: malhando, estudando e trabalhando.

Não se sente “pobrezinha” por ter que se prostituir, pois como disse “é uma questão de escolha. Você a faz e segue adiante”. Para ela, a prostituição é uma questão de opção feita, independente de necessitar para sobreviver. Sobre isso, afirma Gaspar (1985, p.94), que “há também garotas, que resolveram de forma deliberada, se dedicar à prostituição por não estarem satisfeitas com o padrão de vida que poderiam ter através da profissão que exerciam, ou exercem”, enquanto inversamente Swain (2004) coloca a prostituição como um inevitável fato e fardo, condenando aqueles que concluem que a prostituição pode ser fruto de uma resolução pessoal. Para ele, enquadrar a prostituição como um trabalho - possivelmente espontâneo- seria no mínimo uma injúria contra as mulheres, contra o trabalho, o menosprezo total das condições que levaram tais mulheres a se sujeitar e mesmo “defender” a profissão que exercem.

Nessa relação de se considerar uma “pobrezinha” e, teórica, única e exclusivamente, levadas a se prostituírem devido às condições sócio-econômicas que a forçaram ao mesmo, como defende Swain (2004), podemos aferir que diante da sociedade há uma idéia de que todas as mulheres que se prostituem são levadas a isso deliberadamente, como se uma força do “destino” atuasse de modo a não oferecer outra alternativa, como mulheres fadadas ao insucesso e a uma vida miserável, indigna e discriminada.

Paola expõe que ser uma prostituta não é uma fatalidade, muitas vezes não é nada menos que uma escolha, do mesmo tipo de todas as outras feitas diariamente por

cada indivíduo, algo até certo ponto -ouso dizer- voluntário, banal e aparentemente vantajoso, enquanto Gaspar (1985) concorde com uma certa voluntariedade de algumas prostitutas. Já Rebeca, de outro modo, nos prova que a prostituição é um trunfo necessário à ascensão social. Enfatizo aqui, que essas prostitutas se enquadram em um dos níveis de prostituição elevado, ressaltando aquelas prostitutas que devido a inúmeras condições sociais de miséria se submetem a esse trabalho.

Ainda sobre Paola, suas idas aos hotéis são acompanhadas pelos clientes (mas esporadicamente), tendo em vista que frequentemente os programas são feitos em motéis da cidade pela sensação de privacidade e pelo menor gasto dos clientes. É oportuno apontar as opções oferecidas às prostitutas que dependem do tipo de prostituição ao qual se dedicam. Paola, que se enquadra segundo Gaspar (1985) na categoria de “média prostituição”, experimenta menos opções devido ao tipo de clientela que se dispôs a atender, e vivencia conflitos e distinções dentro do grupo ao qual pertence e com o qual se identifica. Digo, apesar da identidade de grupo, que dentro dele há distinções que colocam umas em vantagem, existindo em seus pensamentos aquelas prostitutas “bem-sucedidas” e as “sem opção”.

Outra prostituta com quem conversei brevemente por indicação de Rebeca foi Queila, que também atende em hotéis, porém, não exclusivamente. Possui nomes diferentes (como a maioria das garotas de programa), dependendo da boate na qual estiver. Em Figari e Benitez (2007) afirma-se em relação às prostitutas que,

Nesse sentido, constroem uma nova personagem, através das modificações corporais: troca de nome, eliminação do sobrenome da família, assumindo outras identificações aproximadas de modelos que parecem estar em voga nos variados contextos em que se inserem (p.04)

Pude constatar através dos depoimentos, que abordar sobre a atividade que exercem é um tabu. Todas se sentem expostas, e por isso, negam conversar sobre o assunto. Preocupadas com a estigmatização, racionalizações e cuidados são tomados para delimitar e restringir esse processo: a contaminação, a poluição da pessoa total como prostituta. Pois, ainda que a prostituta se insira nesse “mundo”, ela não se coloca como pessoa “total”, mas no papel de uma profissional, de modo a diferenciar claramente sua pessoa de sua atividade, de ver o sexo profissional diferentemente do que é realizado com uma pessoa “especial”, papel de mãe, de filha, de esposa, de estudante.

Quando perguntei um pouco sobre sua vida como garota de programa, se atendia somente em hotéis como a Rebeca, ela demonstrou certo ar de rivalidade, ao dizer que

“é muito mais fácil trabalhar só em hotel. Eu dou duro, trabalho muito em boate, hotel e motel...para a Rebeca é mais fácil”. Só atende em hotéis quando o turista liga e a chama para ir, do contrário, sua maior renda vem justamente das Casas Noturnas.

Todas as prostitutas quando foram questionadas sobre os planos para o futuro, responderam terem planos para parar de se prostituir algum dia, sim. Aludo aqui esse desejo de não se dedicarem mais à prostituição, que a maioria, senão todas, as prostitutas dizem ter. Todas sabem que um dia terão que parar de se prostituir. Mas, se como nos casos anteriores, é possível obter rendas para a sobrevivência ainda que seja ela sem ostentação, até quando as prostitutas darão seqüência à atividade? Qual será o limite para que se encontrem satisfeitas e optem por viver independentes da prostituição? Ou será necessário esperar que entaves como a idade muito avançada e o corpo fora dos padrões surjam para que abandonem a atividade? Será legítimo esse desejo ou simplesmente uma representação, baseada em uma constatação, assim como várias outras oriundas de sujeitos dúbios? Não me arrisco a enquadrar aqui todos os níveis de prostituição como disse anteriormente, mas ressalto as mulheres que pertencem à alta prostituição, sobretudo, pois aparentam estar em um círculo vicioso e inacabável, já que se percebe que condições para se excluïrem da prostituição já existe, e que contrariando a Swain (2004) não estão envolvidas na prática da prostituição devido a um sistema injusto e desigual.

2.1. Entre quatro paredes - de um hotel

O trabalho foi desenvolvido com suporte de informantes de dois hotéis da cidade considerados de luxo e outro de categoria turística, que tem como referência a classificação nacional e oficial dos meios de hospedagem no Brasil (EMBRATUR), baseada na estrutura física e nos serviços oferecidos aos clientes. Ao selecionar hotéis de categorias um tanto quanto distintas intentei expor que o tipo de prostituição existente na hotelaria pode variar notavelmente dependendo do “segmento” da prostituição, em tão alto grau que permite com que atores sociais que dantes pensávamos estarem inclusos em um mesmo “embuste” e possuindo características similares se distingam através de categorias de pensamento bem diferentes.

Admito a dificuldade em conseguir informações relacionadas à prostituição em hotéis, e cogito várias possibilidades desse receio que os funcionários possuem ao transmitir informações, ainda quando para uma pessoa mais próxima, assim como posso me considerar diante dos possíveis informantes que outrora busquei, sem sucesso.

Embora a prostituição não seja exatamente um ato ilegal⁴, ela é moralmente condenada na sociedade brasileira, e os locais que permitem tais práticas incorrem em pena de acordo com o Código Penal Brasileiro⁵.

É sabido dos turistas, das pessoas em geral, e já foi exibido até em novelas de sucesso da televisão brasileira, que no Brasil e em todo o mundo existem *books* com fotos de garotas de programa nos melhores hotéis (digo aqui hotéis de categoria superior) e que são oferecidas aos turistas/hóspedes quando permanecem no hotel. Nele é possível ver o corpo das mulheres em vários ângulos, todavia, nem sempre nuas. Porém, há aquelas que optam por exibirem seus corpos semi-nus ou em poses mais sensuais. Também em Juiz de Fora isso acontece. Esses *books* podem ser encontrados única e exclusivamente nos melhores hotéis, quase sempre com as mesmas prostitutas e, algumas fotos podem estar em sites relacionados à prostituição na cidade como uma opção das garotas de programa que buscam clientes se exibindo através da internet e de seus contatos com funcionários dos hotéis.

As prostitutas têm conhecimento do *book*, e Rebeca além de afirmar o mesmo “até na Europa têm esse *book*, os melhores hotéis têm” possui suas fotos nele. Segundo ela a resposta para a negação dos funcionários a respeito desse material é que “eles querem para marcar por fora, ou alguém quer saber algo que pode complicá-los (...). Têm medo né, desse negócio de aliciamento, mas isso existe no mundo inteiro”.

A negação dos funcionários vai além da existência das fotos, negam também que prostitutas tenham acesso aos hóspedes, até porque segundo eles não é possível dizer se a mulher é ou não garota de programa, podendo incorrer num pré-julgamento. Ao questionar Rebeca sobre a possibilidade de ser barrada em um hotel por ser prostituta, ela reage assegurando sua posição, pois:

O hóspede paga a diária, e se ele me barrar posso meter um processo nele. Ali é um lugar público, ele não sabe se estou fazendo programa ou não, ele não pode provar(...)desde que eu sou convidada do hóspede ninguém pode se intrometer, não pode se meter (Informação Verbal).

Controlar a entrada de garotas de programa em um hotel é difícil, já que se trataria de um juízo apontar aquelas mulheres que pensamos estarem se prostituindo ou não. Por vezes, pode passar despercebido até pelos funcionários dependendo do movimento e do tamanho do hotel. Até recentemente, uma informante comentou que

⁴ Embora o Código Penal Brasileiro condene a prática da vadiagem, deve-se ser coerente pois como disse a Delegada Sônia Parma da Delegacia de Mulheres de Juiz de Fora “Prender pessoas por vadiagem no Brasil é uma contravenção, já que o número de desempregados no país é imenso” (Informação Verbal).

⁵ Manter, por conta própria ou de terceiros, casa de prostituição ou lugar destinado a encontros para fim libidinoso, haja, ou não, intuito de lucro ou mediação direta do proprietário ou gerente: Pena- reclusão, de dois a cinco anos, e multa. Capítulo V. Art.229. Código Penal Brasileiro.

constantemente uma garota de programa freqüentava o hotel ao atender um turista estrangeiro que estava à negócios na cidade. Contudo, a prostituta em suas persistentes visitas começou a entrar no hotel e se dirigir ao elevador sem se anunciar na recepção, o que seria errado tanto para uma prostituta quanto para qualquer outro visitante, já que quando o hóspede recebe visitas e que passam a noite no local, uma diária extra de acompanhante é cobrada. Percebendo o comportamento da prostituta, o dono do hotel enfatizou aos funcionários para não deixarem de colocar a taxa extra que deverá ser paga pelo hóspede, ainda que ela não se apresente a eles. Concebo aqui, mais uma evidência de que os donos dos hotéis estão cientes de como seus estabelecimentos se posicionam diante dessa realidade, já que o principal objetivo não é coibir a prática, mas evitar qualquer tipo de avaria ou prejuízo para o hotel.

Nesse esquema em Juiz de Fora há a presença de cafetões que são procurados pelos funcionários dos hotéis quando determinados turistas exigem prostitutas com apropriadas características físicas, de luxo ou *streakers* famosas de Casas Noturnas, e estão dispostos a pagar muito mais caro por elas, valor que pode passar de R\$1000. A Lei brasileira prevê punição àqueles que auferem lucro com a prostituição alheia⁶, e conforme o informante desse trabalho um dos cafetões procurados por eles atualmente está enfrentando problemas com a justiça, embora ainda continue exercendo sua atividade de intermediário.

Rebeca afirma uma parceria entre as prostitutas, os funcionários e os donos dos hotéis, observa-se isso muito claramente em sua fala:

Nós trabalhamos em conjunto, os mensageiros, os meninos (se referindo aos recepcionistas), o pessoal da garagem, aí quando viajo aviso e eles indicam outra pessoa que colocam no meu lugar, quando volto aviso de novo e a preferência é sempre minha. A não ser que o cliente não goste e prefira outra, uma loira, sei lá! Mas também como não tem, acaba sendo eu mesma. Eles falam, "tem até essa aqui, mas a Bequinha é muito gente boa, você vai ser arrependido(...). Eles sabem, são muito meus amigos"⁷ (Informação Verbal)

Os funcionários recebem uma comissão por indicação que varia entre R\$30 e R\$50, dependendo do hotel. Para Rebeca, esse valor não é alto já que não precisa "correr atrás" dos clientes, e pode comodamente aguardar a procura deles, embora raramente o faça, pois durante as noites está rodando entre os hotéis, procurando ao menos uma companhia para conversar enquanto aguarda alguma ligação.

⁶ Promover, intermediar ou facilitar a entrada, no território nacional, de pessoa que nela venha exercer a prostituição, ou a saída de pessoa que vá exercê-la no estrangeiro: Pena-reclusão, de 3 (três) a 8 (oito) anos. (Cap.V, Art.231, Código Penal Brasileiro)

⁷ Parênteses do autor. Se referindo aos donos dos hotéis e do conhecimento deles em relação a ela e a outras prostitutas, embora tenha confundido os nomes e afirmado corretamente após minhas sugestões.

Para as garotas de programa há uma imensa vantagem em poder se prostituir em hotéis somente, pois além de trazer segurança aos clientes traz a elas também, e, é esse possivelmente um dos motivos pelos quais os funcionários prefiram prostitutas já conhecidas, “porque uma indicação você conhece a pessoa, e então conhecendo você fica seguro com essa pessoa. No hotel você tem coisas de valor, dinheiro, a vida dele em risco” complementa Rebeca, colocando como uma questão de segurança para ela e o cliente. Coloco, de maneira breve, que existe uma distinção entre o grupo de prostitutas que freqüentam Casas Noturnas e fazem dela a principal fonte de clientes, e aquelas que dependem exclusivamente de redes hoteleiras. Na visão das primeiras, pertencer a “média e alta prostituição” é usufruir de benefícios como menos trabalho e cansaço.

Concluo essa discussão, não obstante, admitindo que é um tema onde muito mais se pode ser discutido e esclarecido e, exponho minha visão do envolvimento dos funcionários dos hotéis com a prostituição como um benefício para ambos. Os primeiros, sem muita dificuldade, conseguem obter lucro sobre o trabalho feito pelas prostitutas, e elas garantem o rendimento com os hóspedes, pois, têm a certeza de que serão indicadas em detrimento das garotas de programa que trabalham em boates e não tem o compromisso de pagar a comissão e podem trazer insegurança e conflitos ao estabelecimento. Todos estão envolvidos numa relação de troca onde os três atores se beneficiam: os funcionários dos hotéis, as prostitutas e os clientes, pois esses últimos podem obter programas com mulheres que dificilmente os colocarão em situação de insegurança.

Considerações Finais

A análise aqui empreendida foi focada numa atividade denominada “fazer programa” e sua relação com os hotéis e turistas que vêm à cidade. As garotas que fazem programa nos hotéis, Casas Noturnas e nas ruas da cidade têm idade entre 20 e 30 anos, mesmo sendo 30 uma idade avançada para o segmento da prostituição.

Os turistas são basicamente os homens que viajam geralmente a negócios e que em seus momentos livres buscam a prostituição como forma de envolvimento em algo prazeroso, e a diferenciação entre “trabalho” e “descanso”. O cenário onde as garotas de programa e os turistas se encontram pode ser em Casas Noturnas, ruas específicas da cidade e hotéis. As garotas estão nesses locais para atender às necessidades de viajantes, que são atraídos à cidade por questões profissionais, ou de moradores. Consideramos também o fator tempo, pois é durante a alta madrugada que a prostituição é praticada na

cidade de maneira mais ostensiva nas ruas e nas Casas Noturnas, é durante a madrugada que as prostitutas ficam acordadas a espera dos clientes, o horário onde tudo é praticado de maneira menos discreta. Como endossou Gaspar (1985, p.127) referente à vida noturna e o prazer nela encontrado: “Gostar da ‘noite’ é um elemento que qualifica determinadas identidades, podendo atenuar ou enfatizar determinados papéis”.

Como tentei demonstrar, a interação entre garotas de programa e clientes se dá de maneira permissiva por parte da rede hoteleira e de seus funcionários, que em detrimento de códigos éticos e legais aceitam participar desse esquema de prostituição de forma a faturarem algum dinheiro extra e embora seja do desconhecimento de muitos, até mesmo de funcionários que já trabalharam ou até trabalham no local, há um envolvimento no que podemos considerar uma “rede de prostituição”. Não uma rede talvez tão bem organizada e grande como em demais centros urbanos - pois a cidade não depende tanto do turismo quanto outros locais - porém uma trama com os principais personagens idênticos: cafetão, prostitutas, intermediários, *books* e clientes.

Apono a imensa possibilidade da ciência de todos os donos de hotéis sobre como a prática da prostituição acontece em seus estabelecimentos e qual é o relacionamento de seus funcionários com as garotas de programa. Além do mais, é possível perceber que esse esquema de prostituição só acontece em hotéis de luxo, que a interação entre prostitutas e turistas nos hotéis de categoria inferior se dá principalmente através das boates e das ruas. Sendo assim, podemos dizer desse último que a prostituição nesses locais ocorre de maneira não planejada pelos hotéis, mas por única e exclusiva iniciativa dos hóspedes, não auferindo nenhum tipo de lucro nem o hotel nem os funcionários, o que acontece de forma contrária nos estabelecimentos de luxo.

Acredito que o contexto e as situações onde essas relações se dão, pode ser uma boa forma de pensar o turismo como fenômeno social total, nos dizeres de Mauss. Quando relacionadas - não unicamente - ao turismo, a prostituição é uma ameaça capaz de contaminar a ordem do que é tido como o turismo tradicional, mas que deve ser tido como uma das manifestações do turismo na cidade.

Referências bibliográficas

BRASIL. **Código Penal Brasileiro**: legislação brasileira. Saraiva. 9º ed.- São Paulo: Saraiva, 2003.

DOUGLAS, M. **Pureza e Perigo**: ensaio sobre as noções de poluição e tabu. Lisboa, Edições 70: 1970 (col.Perspectivas do Homem, n.39)

FIGARI, C. E.; BENITEZ, M. E. **Desejos Proibidos**: práticas da Prostituição feminina. Anais do VII Intercom. VII RAM - UFRGS, Porto Alegre: 2007

FILHO, M. A. **Asas do Desejo**: pesquisadora percorre pontos de prostituição de Fortaleza para desnudar universo do turismo sexual. Jornal da Unicamp, São Paulo, 11-17 out. 2004.p.12. Acesso em 08/03/2008. www.unicamp.br

FLAUSINO, M. C. **Mídia, Sexualidade e Identidade de Gênero**. Trabalho Apresentado ao Np13 - Núcleo de Pesquisa Comunicação e Cultura das minorias. XXV Congresso Anual em Ciências da Comunicação, set. 2002. Salvador, BA

GASPAR, M. D. **Garotas de Programa**: prostituição em Copacabana e Identidade Social. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985. 135 p.

GOFFMAN, E. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 1983.

_____. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Guanabara, 1978. 158 p.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**; tradução Tomáz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro, 10 ed.Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

LÉVI-STRAUSS, C. **As estruturas elementares do parentesco**. 2ºed. Petrópolis:Vozes, 1982.p.69-91.

LOURO, G. L.; NECKEL, J.F.; GOELLNER, S. V. (orgs). **Corpo, Gênero e Sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. Petrópolis: Vozes, 2003.p.108-123.

SWAIN, T N. **Banalizar e naturalizar a prostituição**: violência social e histórica. Unimontes Científica: Montes Claros, v.6, n.2, julho/dez 2004.

VERSIANI DOS ANJOS JÚNIOR, C.S. **A serpente domada**: um estudo sobre a prostituta do baixo meretrício. Dissertação de mestrado. Brasília,UnB, Mimeo, 1980

VIVEIROS DE CASTRO, E. **O nativo relativo**. Mana, Abr. 2002, vol.8, nº.1, p.113-148.